
LAÇO SOCIAL E JUVENTUDE: ESCUTANDO O MAL-ESTAR NA UNIVERSIDADE¹

SOCIAL LINK AND YOUTH: LISTENING TO UNIVERSITY

VÍNCULO SOCIAL Y JUVENTUD: ESCUCHANDO LA UNIVERSIDAD

Cláudia Braga de Andrade²

RESUMO

Este artigo é resultado da pesquisa sobre laço social, modos de subjetivação e educação que investiga as formas de mal-estar e sofrimento psíquico nos jovens estudantes e procura contribuir para a construção de possíveis estratégias de seu enfrentamento nas instituições de ensino. Propomos uma leitura das formas de mal-estar e sofrimento psíquico atreladas às transformações sociais na atualidade, como a pressão do modelo neoliberal, individualista, inspirado em ideais de eficiência, produtividade e desempenho, destacando seus reflexos no campo da Educação. Por fim, procurando articular investigações teóricas com a 'escuta' do campo de pesquisa, apresentamos as repercussões da experiência em espaço de escuta dirigido a universitários durante a pandemia do coronavírus.

PALAVRAS-CHAVE: Mal-estar. Jovens. Universidade. Escuta.

ABSTRACT

This article is the result of research on social bond, modes of subjectivation and education that investigates the forms of malaise and psychological suffering in young students and seeks to contribute to the construction of possible coping strategies in educational institutions. We propose a reading of the forms of malaise and psychological suffering linked to social transformations today, such as the pressure of the neoliberal, individualist model, inspired by ideals of efficiency, productivity, and performance, highlighting its consequences in the field of Education. Finally, seeking to articulate theoretical investigations with the 'listening' of the research field, we present the repercussions of the experience in a listening space directed at university students during the coronavirus pandemic.

KEYWORDS: Malaise. Young people. University. Listening.

¹ O presente trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa intitulada *Laço social, modos de subjetivação e educação: desafios contemporâneos*, realizada com o apoio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro através do Programa Pesquisador-Instalação (Edital PPIInst 05/2020).

² Psicanalista, Doutora em Teoria Psicanalítica - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ -Brasil. E-mail: claudia.andrade@unirio.br

Submetido em: 19/12/2021 - **Aceito em:** 15/06/2022 - **Publicado em:** 12/12/2023

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación sobre vínculo social, modos de subjetivación y educación que investiga las formas de malestar y sufrimiento psicológico en los jóvenes estudiantes y busca contribuir a la construcción de posibles estrategias de afrontamiento en las instituciones educativas. Proponemos una lectura de las formas de malestar y sufrimiento psicológico vinculados a las transformaciones sociales de hoy, como la presión del modelo neoliberal, individualista, inspirado en ideales de eficiencia, productividad y desempeño, destacando sus consecuencias en el campo de la Educación. Finalmente, buscando articular las investigaciones teóricas con la 'escucha' del campo de investigación, presentamos las repercusiones de la experiencia en un espacio de escucha dirigido a estudiantes universitarios durante la pandemia de coronavirus.

Palabras clave: Malestar. Jóvenes. Universidad. Escucha.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da pesquisa Laço social, modos de subjetivação e educação que investiga as formas de mal-estar e sofrimento psíquico nos jovens estudantes e procura contribuir para a construção de possíveis estratégias de seu enfrentamento nas instituições de ensino.

Atualmente, constata-se um expressivo aumento do mal-estar e do sofrimento psíquico nas instituições de ensino. O alto índice de sofrimento psíquico dos estudantes tem sido alvo de preocupação e está sendo reconhecido como um problema de saúde pública (MACHADO, 2019). Em uma recente pesquisa, realizada pela Andifes (BRASÍLIA, 2019) sobre o perfil dos estudantes brasileiros e sua saúde mental, foi destacado o expressivo aumento do adoecimento psíquico. Outro fenômeno alarmante é o crescente número de casos de suicídio de jovens, que se configura, inclusive, como a segunda causa de morte entre o público universitário (SANTOS, 2017). A constatação desta situação como um problema de saúde e seu impacto nas instituições educativas já vem convocando o incremento de campanhas como Janeiro Branco e Setembro Amarelo, que visa conscientizar a comunidade acadêmica sobre o sofrimento psíquico e o suicídio.

Cabe destacar que esse cenário ainda se torna mais crítico com os impactos psíquicos decorrentes da pandemia do coronavírus. Em recente pesquisa articulada pelo Conselho Nacional da Juventude, envolvendo 33 mil jovens de 15 a 29 anos do Brasil, temos uma análise da extensão dos impactos da pandemia nos projetos de vida dos jovens. A pesquisa indica que 30% dos entrevistados não sabem se voltarão às aulas no futuro. Na pesquisa, são destacados alguns dos efeitos da pandemia sobre a saúde dos jovens: pensamentos negativos, ansiedade, uso excessivo de redes sociais, insônia, distúrbios de peso, exaustão e cansaço excessivo (CONJUVE, 2021).

Partimos da premissa que o estudo sobre as formas de sofrimento psíquico e mal-estar nos estudantes deve ser articulado ao contexto sociopolítico e econômico do seu tempo, isto significa considerar os efeitos subjetivos subjacentes à ascensão das direitas extremistas, do liberalismo financeiro, da nova realidade imposta com a pandemia de isolamento social, as aulas on-line, o trauma das mortes em massa decorrentes da pandemia, entre outros acontecimentos.

Consideramos que o mal-estar na cultura é um signo privilegiado dos efeitos das transformações em pauta na contemporaneidade (BIRMAN, 2012) e, para pensá-lo, podemos investigar as trocas contemporâneas em nossa cultura (DUNKER, 2015). Por exemplo, no contexto das instituições de ensino, no mosaico de relações professores-estudantes-comunidade são produzidas formas de mal-estar acionadas por meio de diferentes classificações: fracasso escolar, sofrimento de professores e estudantes, excesso de trabalho, as manifestações de violência e problemas de aprendizagem (CARNEIRO & COUTINHO, 2020).

Por isso, nos propomos a escutar o mal-estar de uma época, buscando compreender como as mudanças relacionadas à organização social vêm afetando as práticas sociais e observar os desafios impostos aos sujeitos por esse estilo de vida contemporâneo. Neste sentido, investigar o crescente sofrimento psíquico presente nas instituições de ensino implica em compreender como as modificações na sociedade têm interferido nos modos de subjetivação e na construção de laço social. Esta posição nos exige uma discussão interdisciplinar que faremos em interface entre psicanálise, educação e ciências sociais.

2 MAL-ESTAR E AS PRÁTICAS SOCIAIS

Ao articular como profundas transformações na sociedade afetam o campo da Educação, podemos observar que as instituições de ensino vivem sob forte pressão de um modelo neoliberal, individualista, inspirado em ideais de eficiência, produtividade e desempenho.

No campo do trabalho, por exemplo, os efeitos da globalização e da economia construída em torno do discurso neoliberal têm afetado, sobretudo, a juventude na atualidade. As profundas mudanças na experiência da temporalidade no contexto das transformações, ocorridas no capitalismo na segunda metade do século XX, trouxeram a perda de noção linear do tempo, provocando uma ruptura do discernimento de tempo e espaço. O mercado de trabalho se tornou instável e variável quando coloca em questão a existência social do sujeito, fenômeno que o sociólogo Richard Sennett (1999) denomina

como ‘corrosão de caráter’. Estas mudanças nas formas de subjetivação decorrentes da sensação de fracasso, da constante incerteza e das mudanças rápidas corroem não só o trabalhador, como também o seu caráter, a família e mesmo suas perspectivas de vida.

Outro ponto norteador importante, apontado pelo sociólogo Ulrich Beck, diz respeito ao processo de individualização presente na vida social contemporânea, que maximiza o valor da liberdade individual em detrimento da vida coletiva. Na engrenagem da individualização, é alimentada a ideia de que os sujeitos são os produtores ativos de suas vidas. Dessa forma, se incorpora o ideal de se autodirigir, controlar e decidir sua própria vida. Essas mudanças no mundo social são visíveis na libertação das formas tradicionais da sociedade industrial com a fragilização das posições como classe, família, sexo, vizinhança (BECK, 2010). A mudança mais evidente nesse processo é que as posições sociais, que se baseavam em parâmetros coletivos, dão lugar a formas e condições de existências individualizadas. Portanto, a margem maior de liberdade e de escolha oferecida ao sujeito tem como contraponto o enfraquecimento da sua vida coletiva. Esta precarização das referências institucionais dificulta as experiências alteritárias e não potencializa um horizonte dialógico para o encontro com o outro em um processo comum.

Nesta perspectiva, a figura do desenraizado traduz um importante traço do sujeito contemporâneo, uma vez que, o enfraquecimento do valor social das instituições tem como pano de fundo o mal-estar na transmissão de valores, o sentido da historicidade, no laço social na contemporaneidade. O declínio da tradição das localizações e posições sociais ocupadas pelo sujeito tem como signo a perda na estabilidade e produz uma grande exposição às incertezas (BECK, 2010; GIDDENS, 2002).

Evidentemente o lugar social do sujeito jovem na contemporaneidade aponta para uma transformação, tanto na ordem simbólica como econômica, social e cultural, que vem afetando diretamente as formas de subjetivação e a construção de laço social. A falta de referentes simbólicos culturais produzidos na sociedade contemporânea promove o sentimento de não pertencimento, de não filiação (KEHL, 2011). A intensificação da instabilidade no mundo contemporâneo produz novos efeitos nos modos de subjetivação. O sujeito não consegue obter por meio do discurso e dos laços sociais o reconhecimento simbólico, o que o deixa numa posição de desamparo. Nesta dinâmica se produz um esvaziamento dos processos de simbolização, marcado pela incerteza em que não se torna possível traçar de maneira segura as relações entre presente e futuro (BIRMAN, 2012). Os efeitos psíquicos dos impasses no laço social aos quais, principalmente, os jovens estão submetidos interferem no próprio sentido da vida e da existência.

Tais problemas ligados à questão do laço social e à transmissão na sociedade contemporânea talvez expliquem o crescente interesse teórico pela questão da filiação como da tradição, convocando psicanalistas, sociólogos e antropólogos para um debate interdisciplinar. A importância da transmissão de uma cultura, de uma crença, de uma filiação e de uma história vem sendo repensada a partir de questões e efeitos da globalização (HASSOUN,1996). O modelo tradicional de uma iniciação linear não se aplica mais à dinâmica social. E, desta forma, a descontinuidade histórica e o esgarçamento das fronteiras nos permite pensar que os impasses da adolescência podem ser compreendidos não somente referidos a uma etapa da vida, mas como uma representação da condição do sujeito na contemporaneidade (BIRMAN, 2009).

Neste contexto marcado pelas incertezas, há uma ênfase na individualidade produzindo o sentimento de responsabilização pessoal pelos resultados. Por esta via, os problemas sociais, como destacamos acima, tendem a ser convertidos em problemas individuais. Sendo assim, as condições sociais que interferem nas experiências de vida não são mais percebidas como resultados de um processo e eventos além do seu controle, mas como decorrências das decisões individuais. Conseqüentemente, muitos dos fenômenos de crise social, tais como desemprego, são transferidos para a responsabilidade dos indivíduos e transformados em problemas de ordem psicológica como ansiedade e culpa (BECK, 2010). Desta forma, o desenquadre social é assimilado a uma insuficiência individual e, nesta mesma esteira, a localização do sujeito à margem dos ideais dominantes pode assumir uma forma patologizada.

A demanda por uma performance ativa do sujeito capaz para se adaptar constantemente faz parte das condições de existências individualizadas na atualidade. Segundo o filósofo Byung-Chul Han, esta performance social está fortemente marcada pelos ideais de eficiência e desempenho. Han acredita que o paradigma do desempenho se tornou uma marca distintiva da sociedade atual, em que a concepção de sujeito do século XXI se espelha na imagem do 'empresário de si mesmo'. O sujeito do desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo, ou seja, o sujeito é senhor e soberano de si mesmo e não está submisso a ninguém. No entanto, a queda da instância dominadora não o leva à liberdade, pois o excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração, que se torna "mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado" (HAN, 2015, p.30).

O paradigma do desempenho e a lógica da individualização estão presentes na comunidade acadêmica e escolar de muitas formas: na política educacional, na padronização dos sistemas de ensino, na lógica da eficácia, no ideal de autonomia, nos modelos competitivos construídos com base no discurso capitalista e no discurso científico-universitário (VOLTOLINI, 2001). As mudanças sociais e seus efeitos nas instituições de ensino podem ser analisados por intermédio da produção de mal-estar, expressos nas formas discursivas de laço social.

Do ponto de vista da psicanálise, o laço social articula-se ao mal-estar na cultura, visto que, se por um lado viver em sociedade implica em conviver com o mal-estar inevitável, por outro, é também a partir da cultura que se pode encontrar modos de tratá-lo (FREUD, [1930]1976). Portanto, se por um lado a convivência na comunidade acadêmica é fonte de mal-estar é também nesta comunidade que podemos encontrar formas de enfrentar e tratar o mal-estar e, neste caso, apostar nos modos de fazer laço social.

A teoria lacaniana articula a questão do laço social ao conceito de discurso como operador da relação social que estabelece um lugar, uma posição discursiva frente a um impossível de lidar. Seguindo esse viés que Lacan ([1969-70]1992) chamou de discursos, a teoria sobre os laços sociais, pois os laços sociais são tecidos e estruturados pela linguagem. Neste sentido, o mal-estar, inerente às relações sociais, é o motor ou promotor de laços que possam construir novos sentidos ou possibilidades. Portanto, dado o impossível radical na relação do sujeito e o outro é que os discursos visam produzir algum grau de ‘possibilitação’ (JORGE, 1988).

Se o discurso é uma noção que deve ser considerada como liame social fundado sobre a linguagem, pensar a concepção de sujeito como efeito do simbólico permitiu analisar a coletividade e a relação entre os sujeitos atravessada pela linguagem (LACAN, [1969-70]1992). Sendo assim, podemos supor que a instituição de ensino sustenta na linguagem sua função de produtora de laço social e produz formas discursivas.

Lacan ([1969-70]1992), para introduzir a teoria dos discursos, relembra os três ofícios impossíveis apontados por Freud ([1925]1976): educar, governar e curar. Para cada um deles, Lacan fez corresponder um discurso diferente, demarcando que os laços sociais expressam diferentes posições e são estruturados como linguagem a partir de um impossível. Aos três ofícios impossíveis freudianos, Lacan acrescenta ainda um quarto, o de fazer desejar, e, assim, descreve, respectivamente, os quatro discursos: o discurso do universitário, do mestre, do analista e da histórica. Os discursos representam quatro modos de laço social. Lacan ainda formula um quinto discurso, o discurso capitalista para pensar os

efeitos do mal-estar na modernidade. Todos eles estão presentes nas formas de laço social, mesmo considerando que existem discursos preponderantes, por exemplo, nas instituições de ensino, como o discurso universitário, do mestre e do capitalista.

3 OS DISCURSOS E O LAÇO SOCIAL NA EDUCAÇÃO

Na educação, encontramos com preponderância o discurso universitário, esse regido pela ordem do saber, visa sempre a universalidade e ao objetivar um conhecimento organizado e cumulativo, acaba apagando o desejo de saber. Promovendo a ação do saber sobre os objetos colocados no lugar de alteridade, trata o outro enquanto objeto, como objetificado. Segundo Jorge (1988, 2002), o discurso universitário vem demarcar justamente a ação de um processo de colonização, na medida em que o outro é tratado como um objeto e a partir do qual se quer produzir um sujeito conforme o saber constituído. Essa ação provoca o silêncio do outro objetificado e o sujeito se dissocia dos significantes primordiais de sua própria história. O sujeito se torna, nesta posição, um repetidor, um reproduzidor de enunciados.

Enquanto no discurso do universitário o estudante ocupa a posição desse outro, sobre o qual é imposto sempre ‘saber a mais’, no discurso do mestre, o outro encarna o lugar daquele que sempre trabalha e, quem trabalha, é sempre o que está no lugar do ‘outro’. No discurso do mestre, a referência é o escravizado, no discurso universitário é o estudante. Lacan faz um trocadilho ao colocar o estudante do lugar do objeto ‘a’, “o estudante se sente astudado. É astudado porque, como todo trabalhador – situem-se nas outras pequenas ordens –, ele tem que produzir alguma coisa” (LACAN, [1969-70]1992, p.98). Ordenado pelo mecanismo da identificação, no discurso do mestre, o sujeito procura formas de identificação com as quais possa se nomear. Tal discurso se situa como uma visão universalizante e normativa da política educativa, que massifica o sujeito e dissolve as diferenças.

O discurso capitalista denota um forte traço do mal-estar contemporâneo. Diferente dos demais discursos – histórica, mestre, universitário e analista – compreendidos como fundadores do laço social e da regulação, o quinto discurso, o discurso capitalista é um discurso sem lei, paradoxalmente um discurso fora-do-discurso, onde não é possível o laço social, trata-se de ‘discurso excluído’ (LACAN, [1971]2009, [1974]1993).

Na proposta de Lacan ([1974]1993) sobre o discurso do capitalista também é possível visualizar a lógica liberal. Nomeado como no discurso do ‘mestre moderno’, propõe uma inversão do ‘discurso do mestre’. Ou seja, o lugar de agente ocupado pelo ‘significante mestre’ é sustentado pelo ‘sujeito dividido’ no lugar de verdade, são invertidos. No discurso

capitalista tem o sujeito ocupando a função de agente, sustentado pelo significante mestre no lugar da verdade, mas não estabelecendo qualquer relação com o outro e nem estabelecendo relação com o saber. O discurso capitalista se insere na lógica do capital e do consumo. A ameaça de uma falta de 'referência', de um possível território comum. Não há espaço para laços (MONTEIRO, 2019).

Portanto, o discurso capitalista é um discurso que se constitui como um discurso segregador, que não faz laço social (LACAN, [1974]1993). A segregação é um efeito que aparece de forma mais nítida de mal-estar em tempos de crise. A lógica do capital leva à destituição do outro e às violências sociais pela corrosão das bases simbólicas da convivência. A identificação da imagem do outro, do próximo, como invasor em potencial, diz Safatle (2016), é reforçada pela lógica liberal. Uma vez que o outro passa a representar, potencialmente, uma ameaça a toda expressão do que possa representar a 'minha liberdade'.

Um dos grandes impasses na contemporaneidade se traduz no enfraquecimento do valor social das instituições que compromete, justamente, as experiências alteritárias, a construção de laço social que inclua o outro, sem que represente a perda da própria 'liberdade'. A face mais visível deste conflito político-cultural é o aumento das cenas de violência e seu pano de fundo o mal-estar na transmissão de valores, na história, no laço social na contemporaneidade.

Dentre as incidências do contexto do neoliberalismo contemporâneo e de diversas formas de vulnerabilidade social no sujeito, que produzem o sofrimento sociopolítico de jovens, pode-se destacar: o esvaziamento do sentido da vida, a relativização da existência compartilhada e a fragilização da experiência que torna possível a historicização do sujeito (ROSA, VICENTIN & CATROLI, 2009; ROSA, PENHA & FERREIRA, 2018).

A modalidade de laço social sinaliza o lugar do sujeito no espaço social e na relação com a cultura. Portanto, considerar a experiência do sujeito 'na' cultura, significa que o sujeito se constrói e se reconstrói a cada relação com o outro. E, como diz Askofaré (2009), é no mesmo movimento que se instauram as segregações, se engendram as fraternidades e que se afirmam as solidariedades. Desta forma, podemos apostar que a alteridade, a diferença, não compareça somente como ameaça, mas como encontro, com o qual se faz o novo (ROSA, 2016).

Resta-nos pensar em dispositivos e estratégias que remetam tanto ao resgate da posição desejante dos sujeitos no laço com o outro como às modalidades singulares e coletivas de resistência aos processos de alienação social.

4 A ESCUTA COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA

Tomando por base que o mal-estar é um efeito das transformações e das trocas em sua época, não cabe eliminá-lo, mas escutá-lo, abrindo a possibilidade de novas formas de lidar com ele (DUNKER, 2020). Desta forma, sustentamos o dispositivo de escuta como uma estratégia ética e política que resiste ao silenciamento e a patologização do mal-estar. Através da escuta se promove a possibilidade de criar formas de narrativas, de compartilhamento de alternativas coletivas e singulares de lidar com o mal-estar. Com o propósito de contribuir para a construção de possíveis estratégias de enfrentamento do mal-estar e sofrimento psíquico dos jovens nas instituições de ensino, este trabalho de pesquisa se vinculou às ações extensionistas por meio do qual articula investigações teóricas com a ‘escuta’ do campo de pesquisa.

O preocupante cenário atual, causado pela pandemia, impôs uma rápida reconstrução do cotidiano, na convivência social, na experiência de espaço e de tempo que asseverou ainda mais as desigualdades no campo educacional e tem causado um aumento de sofrimento psíquico. Levando em conta a vulnerabilidade social à qual grande parte do público universitário está exposto, nesta conjuntura da pandemia, sustentamos a proposta de um espaço de fala/escuta dirigida à comunidade discente, em plataforma digital, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).³ Tal espaço possibilitou afetar e ser afetado pelas experiências do outro. Diante do mal-estar, construir a possibilidade de o sujeito recriar as formas de narrativas e de se reconhecer e de se posicionar no laço social.

Como nos encontrávamos em um período de suspensão das atividades presenciais na universidade, a proposta foi divulgada nas redes sociais convidando todos os interessados da comunidade discente. Os encontros tiveram periodicidade semanal com duração de uma hora, não exigiam uma inscrição prévia e o grupo se alternava a cada encontro.

Temos como eixo norteador do espaço de escuta/fala a proposta de um trabalho coletivo com uma perspectiva política de resistência à cultura de homogeneização, possibilitando uma relação contra-alienante (SATO et al., 2017). Acreditamos que o trabalho no coletivo permita a sustentação das diferenças singulares do sujeito e uma heterogeneidade discursiva do grupo.

³ A proposta do espaço de fala/escuta foi uma ação do projeto de extensão Da Escola à Universidade: escutando o mal-estar, coordenada pelas prof.^{as} Cláudia Braga de Andrade, Lúcia Maria de Freitas Perez e Rita Maria Manso de Barros.

Na coordenação do dispositivo coletivo, identificamos três movimentos diferentes na narrativa construída pelo grupo que demarcam movimentos diferentes na circulação significativa nas associações livres. Compreendemos que estes movimentos se destacaram também nos diferentes convites/chamadas quando publicamos o chamado para a comunidade discente.

No primeiro movimento, ainda em um período de suspensão das atividades acadêmicas, havia uma grande ansiedade provocada pela pandemia, pelo isolamento social, pela interrupção na comunicação entre os diversos segmentos da universidade. Para dar início à proposta, promovemos uma divulgação nas redes da universidade com a seguinte chamada “Em isolamento? Longe da universidade? Vamos falar sobre isso?”. Esse convite inaugurava uma possibilidade de contato inédito ao buscar por notícias dos estudantes, como também gerava a oportunidade de inventarmos uma forma de estarmos isolados/juntos, que foi uma tentativa de criar formas de compartilhamento entre docentes e discentes.

Nesse primeiro tempo, tivemos um espaço ávido por trocas das experiências: sobre o sentimento de impotência e de medo e as formas de sobrevivência. O espaço coletivo foi um modo de reposicionamento no laço social. O fato desse espaço de escuta ter se mantido durante um ano, no mesmo horário e dia da semana, foi construída uma relação de confiança e estabilidade entre os participantes. Em um tempo marcado pelo desamparo social, promovido pela ausência do Estado, desaparecimento das instâncias de proteção pública, desmonte político das instituições e da experiência radical de perdas de referências de vida, esse espaço permanente se constituiu como uma forma de resistência e de regate na posição discursiva.

Ouvimos muitos relatos sobre as experiências de estar restrito ao espaço doméstico, como a sensação de confinamento e estar preso e sufocado com as próprias emoções. O período foi descrito como um momento de uma crise emocional na sociedade, como se produzisse ao mesmo tempo uma “pandemia psicológica”. Também surgiram relatos sobre a eclosão de crises de choro, insônia, pânico, ansiedade, cansaço, medo, depressão, desânimo, tristeza, desinteresse, alteração do sono, pesadelos. O medo e a apreensão com a contaminação, com a sensação da proximidade da morte todos os dias, a dificuldade de conscientizar os parentes mais velhos, a negligência de amigos, vizinhos e da comunidade estiveram presentes nesses relatos.

Mas, diante desse cenário mortífero, se exige as provas de estar vivo. Nesse viés se impôs o desejo de demarcar o proveito de uso do tempo e do espaço de estar em casa: a

possibilidade de iniciar um curso de línguas, assistir a filmes, a lives diversas e a uma peça de teatro online, ouvir música, a tentativa de cultivar horta, as horas dedicadas à leitura, às invenções em casa, criar receitas novas na cozinha, cuidar dos cachorros, leitura em voz alta em grupo, diários, contato com a família, encontros amorosos.

No segundo movimento do coletivo, estávamos diante de falas que expressavam, sobretudo, as perdas. O trauma foi vivido diante de muitas perdas – de vidas, de convivência, de trabalho, de projetos, de liberdade – sem espaço e tempo para serem ritualizados. Identificamos o momento da elaboração do trabalho de luto. Nesse momento, fizemos uma nova chamada/convite à comunidade discente marcando e reconhecendo a importância de falar sobre as perdas: “Estamos tendo muitas perdas. Vamos falar sobre o luto?”. Ainda incluímos naquele convite a citação do texto *Luto e Melancolia*: “O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (Freud, ([1917], 1976, p.275).

Diante do contexto fortemente marcado pela desigualdade social e no atendimento da saúde, no sofrimento causado pela indiferença, negacionismo e falta de empatia, o resgate das bases do laço social, elaboradas no nível coletivo, se fazem necessárias.

No contexto da pandemia, das mortes em massa e o impedimento dos ritos funerários, o trabalho de luto foi impedido, dificultando assim a elaboração da perda. O testemunho da sensação de exposição aos riscos das perdas de parentes, amigos, vizinhos e o sofrimento de não poder ritualizá-las teve uma função no trabalho de luto que requer reconhecimento coletivo da perda. O trabalho de luto exige o reconhecimento de que houve perda e implica no compartilhamento da história. Nesse sentido, o luto tem uma dimensão singular e a dimensão coletiva (BIRMAN, 2020).

A dimensão coletiva e pública do luto também aponta para o ato político implícito no luto. O luto compreendido como uma reação esperada à perda de uma pessoa amada também implica no reconhecimento do valor da vida, pois “a possibilidade de ser enlutado é um pressuposto para toda vida que importa.” (BUTLER, 2015, p.32-33). Dessa forma, o luto também é um indicador do sentido de comunidade, da responsabilidade com relação aos outros (BUTLER, 2019, p. 43).

Os encontros em que foram compartilhadas as experiências do trabalho de luto funcionaram como um espaço para a reconstituição do laço social, criando condições para respostas singulares. Também identificamos esse movimento como uma expressão de

resistência ao efeito de uma naturalização de mortes em massa. As falas compartilhadas de descolamento ao cenário mortífero do país: “não dá para se acostumar com óbito; foi muito ruim assistir a uma missa de sétimo dia sem ser presencial, isso, pra mim, foi o fim, não é uma ordem natural”.

No terceiro movimento, estávamos mais próximos de alguns retornos, das aulas remotas, da volta aos trabalhos. Se aproximava as indagações sobre o espaço da comunidade e sobre qual mundo seria possível amanhã. Desta vez, fizemos uma chamada/convite mais ampla: “Tempo de escuta. Um convite a toda comunidade da UNIRIO”. Este movimento do trabalho coletivo marcou alguns recomeços que já se podiam vislumbrar, um futuro a deslumbrar. Houve o sentimento ambivalente entre a apreensão e o contentamento com as aulas remotas. A divisão entre a conquista de economizar tantas horas em deslocamentos para estudar e trabalhar e a solidão provocada pela falta do contato presencial e da convivência nos espaços da universidade. Neste tempo, o pensar coletivo ganha expressão sobre os espaços que compartilhamos, o compartilhamento do nosso vínculo com a universidade.

O espaço de escuta/fala instaurou um ponto de encontro vinculado à universidade e com a história que todos compartilhamos em tempo real. Foi uma experiência inédita, descrita por um dos participantes como uma oportunidade de “sentir parte de alguma coisa”, sem dúvida, de um espaço de resistência e sobrevivência.

Esse compartilhamento provocou muitas vezes o sentimento de infamiliaridade com o ambiente virtual. Na conversa, volta e meia, o som falhava ou a imagem congelava. Todos nós estávamos dividindo o espaço da casa, cozinha, quarto, sala, escritório. E, por esse motivo, algumas vezes, fomos surpreendidos pela intimidade dos discentes. Tivemos a oportunidade de conhecer os parentes de nossos alunos que se aproximavam da câmera. Ou simplesmente a presença silenciosa da avó que passava roupa enquanto a neta participava do encontro. Também a fala da mãe de um estudante que fez questão de se aproximar do computador junto ao filho e compartilhar de palavras de reconhecimento sobre a importância desses encontros para comunidade acadêmica.

O registro desses encontros também pode ser recordado com o contexto de pano de fundo das marcas violentas desse tempo que foram lembradas semanalmente, como a morte do menino Daniel em Recife, a morte de George Floyd asfixiado, a falta de assistência hospitalar, as filas para receber o auxílio emergencial, o quadro de número de mortes avançando no país, os ritos de morte impedidos, o luto em massa, as inúmeras queimadas no Brasil.

5 CONCLUSÃO

Esses movimentos destacam a importância da construção desse coletivo, no sentido de sustentar um dispositivo clínico-político de resistência à lógica de individualização, na qual a dimensão subjetiva não seja silenciada nem desvinculada de seus contextos.

Por esse viés, considerando a importância da dimensão política do sofrimento produzido ‘nas’ e ‘pelos’ relações sociais, temos buscado por dispositivos e estratégias coletivas que procuram oferecer um espaço de fala/escuta que permita uma experiência compartilhada, bem como novas ações no cotidiano universitário (ANDRADE et al., 2015). Também destacamos o sentido político dessa experiência como aquela que se constrói no cotidiano dos sujeitos e a ação política está ligada a uma potência transformadora dessa ação sobre as práticas cotidianas, como ressalta Jacques Ranciere, a ação política “faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho” (1996, p.42).

Atualmente, mencionamos a grande procura por atendimentos psicológicos e psiquiátricos, o que gera longas listas de espera nas instituições de saúde. Solicitações por serviços de apoio, serviços de psicologia aplicada, entre outros encaminhamentos, ou até mesmo as solicitações de efetivar um psicólogo em certas unidades/escola da universidade são demandas crescentes. Essa questão se impõe na convivência universitária, no seu dia a dia. É comum encontrar professores preocupados e apreensivos por se sentirem despreparados para lidar com as recorrentes falas dos alunos sobre seus sofrimentos.

Quando observamos esse contexto, somos convocados a repensar que o enfrentamento e o tratamento dessa situação não devam ser reduzidos a encaminhamentos individuais, mesmo considerando que esses são imprescindíveis. Mas diante desse fenômeno do crescente mal-estar e sofrimento psíquico na comunidade acadêmica, somos convocados a refletir sobre os riscos em individualizar o sofrimento, desconsiderando a historicização e contextualização do sofrimento psíquico.

A escuta como estratégia ética e política envolve considerar a empatia, a abertura para o outro. Quando apostamos na busca por um tratamento do sofrimento psíquico dos universitários, chamo a atenção para o significado do ato de tratar, que se refere à maneira de receber, ser recebido, acolhido. O tratamento, nesse sentido, diz respeito a todos nós da comunidade acadêmica. O mal-estar na educação requer uma escuta atenta aos impasses nos laços sociais e que impactam especialmente o público jovem por meio da viabilização de espaços de endereçamento e de construção de novos possíveis laços.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Braga Cláudia; DINIZ, Margareth; JATOBÁ, Carla. Sou mais juventude: uma experiência política no contexto universitário. *In. Juventudes e o mal-estar na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Paco Editora, 2015.
- ASKOFARÉ, Sidi. Aspectos da segregação. *Revista a peste*. São Paulo, v.1, n.2, 345-354, jul./dez., 2009.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de Risco*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BIRMAN, Joel. Juventude e condição adolescente na contemporaneidade. *In: BOCAYUVA, H. & NUNES, S.A. Juventudes, subjetivações e violência*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.
- BIRMAN, Joel. *O sujeito no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do Coronavírus: Suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- BRASÍLIA. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2019**. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf> Acesso em: 10 dez. 2021.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CARNEIRO, Cristiana & COUTINHO, Luciana Gageiro. **Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: estudo de casos em psicanálise e educação**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020. 132 p. E-Book: 1,1 Mb; PDF Disponível em: https://naueditora.com.br/ebook_gratuito/infancia-adolescencia-e-mal-estar-na-escolarizacao/ Acesso em: 10/12/2021.
- CONJUVE. **Pesquisa Juventudes e a pandemia do Coronavírus**. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 10/12/2021.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Paixão da ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). **Obras Completas de Sigmund Freud**, ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Prefácio a Juventude Desorientada, de Aichhorn (1925). **Obras Completas de Sigmund Freud**, ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização (1930). **Obras Completas de Sigmund Freud**, ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HASSOUN, Jacques. **Los Contrabandistas de La Memoria**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor S.L., 1996.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Sexo e discurso em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos; *In*: RINALDI, D.; JORGE, M.A. (org.). **Saber, verdade e gozo**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. *In*: NOVAES R. & VANNUCHI, P. (org.) **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 17. O avesso da psicanálise (1969-70)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 18. De um discurso que não fosse semblante (1971)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LACAN, Jacques. **Televisão (1974)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.

MONTEIRO, Jamile Luz Moraes. A cisão entre o sujeito e o saber no discurso capitalista. **Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. V.XXII, n.2, maio/ago., 2019.

MACHADO, Rosana Pinheiro. A guerra na educação piora a já frágil saúde mental nas universidades. **The Intercept Brasil**, 15/10/2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/10/14/guerra-universidades-piora-saude-mental/> Acesso em: 10 dez. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

ROSA, Mirian Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo, Escuta, 2016.

ROSA, Mirian Debieux; VINCENTIN, M. C.; CATROLI, V. Viver em tempos sombrios: a experiência e os laços com os contemporâneos. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 51-68, abr. 2009.

ROSA, Mirian Debieux; PENHA, D. A.; FERREIRA, P.P. Intolerância: fronteiras e psicanálise. **Revista Subjetividades**. Fortaleza: Ed. Especial, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpo políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTOS, Hugo Gedeon Barros *et al.* Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, p. 2878, 2017.

SATO, Fernanda Ghiringhello *et al.* O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. **Psicologia Política**. v. 17, n. 40. p. 484-499. set./dez., 2017.

RICHARD Sennett. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VOLTOLINI, R. Do contrato pedagógico ao ato analítico: contribuições à discussão da questão do mal-estar na educação. **Estilos da Clínica**, v.6, n.10. São Paulo, p. 101-111, 2001.

Agradecimentos

Agência fomentadora: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO Edital: PROGRAMA PESQUISADOR-INSTALAÇÃO - Edital PPIInst-UNIRIO nº 05/2020

Revisão gramatical realizada por: Tania Belarmino

E-mail: tania.belarmino@gmail.com